

Jodoigne, 27 de Março de 1979

Tal como sou acompanhada pelos lagos — águas adormecidas naturais e duráveis —, de igual modo deve fazer parte da sombra,
que se desloca comigo,
inscrever os dias estendidos por longo período de tempo.

No seu calendário deve impor-se imediatamente a noção de noite — uma semana, um mês, um ano de noites. Sem o calendário, o fluir do tempo deve parecer-lhe incomensurável, e tornar-se um obstáculo à separação clara entre as figuras que voltam em períodos (perigos) regulares, ao mesmo ponto da abóbada. Se geralmente os meses começam com a lua nova, ela atravessa épocas em que não tem outro sonho senão o de conhecer, e todos os livros, limites e indícios da vida quotidiana lhe parecem pequenos microcosmos justapostos com o mesmo fim, ou a mesma origem. É por isso particularmente importante a organização de um calendário que traga estabilidade ao meio, e dê protecção à Casa que, com um sentido abissal, podia tornar-se o universo, e desaparecer.

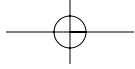
A fase constante de não querer senão olhar com atenção, e ler, passar dias e dias a interrogar livros, **Os Pobres na Ida-**

de Média, O Homem Espanhol, enfim, fazer falar com o tempo quem é menos mudo, e alcançar uma coisa que se deseja. Suplico-lhes em nome de um poder de língua, sabendo que esta vida em que não há dias menores é uma arte de contar _____ pois a morte possível de Jorge Anés na fogueira é um fio que tem um colorido luminoso e sereno, e afia pausadamente a minha língua.

Confronto estes dias com o período final da minha adolescência em que sofria de uma doença ligeira de fadiga. Vinda do liceu, ou já em férias, só me restavam forças para, na imobilidade, ler, acrescentando-lhes o gozo ilícito do meu próprio corpo. Sob o signo da falta, eu gozava e lia e, agitando-me, sem violência, nesta contradição fundava a escrita.

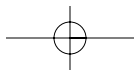
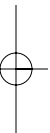
Nascimento de Jorge Anés e de Luís Comuns, a partir das pombas que revoam na Praça Luís de Camões. A libertação de poder **escrever** e **imprimir** eu própria. Escrever não é um protesto de inocência?

Dobra a tua língua, articula.
Dobra a tua língua, articula.



Jodoigne, 10 de Maio de 1979

É a minha própria casa, mas creio que vim fazer uma visita a alguém.



Jodoigne, 30 de Maio de 1979

Está calor, como no verão de Portugal, mas já faz sombra, e ao fim da tarde acumula-se a electricidade como no verão do Brabante; destituo-me da literatura, e passo para a margem da língua; eu creio que Portugal é um território de viagem, estelado, ou com a configuração das estrelas, pelos itinerários dos portugueses, fugitivos, judeus, comerciantes, emigrantes, ou navegadores; tal é a árvore genealógica desenhada à margem da literatura portuguesa. Os temas, circunscritos ao país despido das suas rotas de viagem, são temas carcerais que revelam a mediocridade das relações de sociedade, em geral, e o desenvolvimento normativo de uma literatura; diferente, é a interrompida linha de continuidade das memórias, enterradas nas areias de um mapa celeste; quase escondido da literatura vigente, teme surgir um campo inundado da língua em que, conhecer-se através dela, faz parte dos amores íntimos

Troveja; aqui é o Brabante; li, para consolar-me de ter de prosseguir este caminho, alguns parágrafos de **Na Casa de Julho e Agosto**, e pressinto que alguém fez um trabalho que tem o fundamento em si mesmo, cujo eco é apenas uma nova

seqüência de trabalho; assim, sabendo como as árvores nos protegem, vivo para escrever e ouvir e, hoje, fui um dos primeiros leitores de **Na Casa de Julho e Agosto**; tão profundamente me sensibilizou o texto que, depois de me ter esquecido do que ia dizer, ou seja, escrever a seguir, me sentei no banco verde do jardim, junto de Prunus Triloba, a reflectir que me devia perder da literatura para contar de que maneira atravessei a língua, desejando salvar-me através dela.

mais tarde começou a noite, a concentração numa intensidade que nunca traduzi por escuridão; os efeitos da noite são a Casa, os animais, o Augusto, um entendimento claro e imaginário com eles, sem alterações. Se agora fizesse dia eu não me alegraria de tal modo

eu vivo,

nem me voltaria com igual acuidade para a obra suspensa que vai seguir-se.